

LETRAS DO CAFÉ

BELO HORIZONTE, FEVEREIRO DE 2007 • PERIÓDICO CULTURAL DO CAFÉ COM LETRAS • Nº 08 • ANO II • TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES • PEÇA O SEU CAFÉ E TENHA UMA BOA LEITURA

O espaço-cidade e suas muitas palavras

Arte, ação, patrimônio, gente, intervenções: a linguagem da cidade com todas as suas letras

Frederico Canuto
Renata Marquez
Wellington Caçado

Quando convidados a pensar esse número do Letras do Café, a partir do tema intervenções urbanas, começamos por tentar recolher enfoques diversos relacionados ao assunto: arte, arquitetura, institucionalidades, informalidades, cotidiano. Partimos do nome do jornal - das letras que acompanham o café - e planejamos montar, peça a peça, uma espécie de dicionário da cidade. Várias discussões que resultaram nos verbetes, alguns convidados e outros textos trazidos para o jornal sob a forma de citação, transformaram o Letras do Café numa coleção de fragmentos, num abecedário caleidoscópico, gravitando em torno do tema cultura urbana. Esses retalhos de texto de A a Z podem ser lidos como se saboreia as letrinhas de chocolate que acompanham o café: não há ponto inicial ou final, e às vezes se tem a sorte de ganhar um M. Como disse uma vez a Carla Marin, mais chocolate!



Ilustração de Simone Cortezão. Quadro da animação integrante do documentário "M²" de Louise Ganz e Inês Linke



Saiba onde encontrar seu exemplar gratuito do 'Letras do Café'



Acústica CD

R. Fernandes Tourinho, 300
Tel.: (31) 3281 6720

Arquivo Público Mineiro (APM)

Av. João Pinheiro, 372
Tel.: (31) 3269 1167

Art Vídeo

Rua Fernandes Tourinho, 141
Tel.: (31) 3221 4778

Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa

Praça da Liberdade, 21
Tel.: (31) 3269 1166

Café com Letras

Rua Antônio de Albuquerque, 781
Tel.: (31) 3225 9973

Celma Albuquerque Galeria de Arte

Rua Antônio de Albuquerque, 885
Tel.: (31) 3227 6494

Central do Estudante

Rua Antônio de Albuquerque, 793
Tel.: (31) 3282 1868

DiscoMania

Rua Paraíba, 1378, Loja 117
Tel.: (31) 3227 6696

Fundação Clóvis Salgado

Av. Afonso Pena, 1537
Tel.: (31) 3237 7399

Fund. de Arte de Ouro Preto (FAOP)

Rua Getúlio Vargas, 185
Ouro Preto
Tel.: (31) 3551 2014

Guitar Shop

Rua Pernambuco, 1108
Tel.: (31) 3261 4595

Livraria Scriptum

Rua Fernandes Tourinho, 99
Tel.: (31) 3223 1789

Museu Mineiro

Av. João Pinheiro, 342
Tel.: (31) 3269 1168

Rádio Inconfidência

Av. Raja Gabaglia, 1666
Tel.: (31) 3203 0300

Rede Minas

Av. Nossa Senhora do Carmo, 931
Tel.: (31) 3289 9000

Royal Savassi Apart Hotel

Rua Alagoas, 701
Tel.: (31) 3247 6999

Universidade Fumec

Rua Cobre, 200
Cruzeiro
Tel.: (31) 3228 3000

Usina

Rua Pernambuco, 1002 sala 305
Tel.: (31) 3261 3368

Vídeo Mania

Rua Alagoas, 1314, Ljs. 2A e 3A
Tel.: (31) 3281 0121

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO DE
FEVEREIRO DO CAFÉ COM LETRAS
NA ÚLTIMA PÁGINA

EDITORIAL DO MÊS

Afinal, onde existe espaço, existe expressão

É muito comum me perguntarem como eu, uma paulista-paulistana, vim parar em Belo Horizonte. Também é comum acharem esse percurso um pouco esquisito - sair de uma das maiores metrópoles do mundo para um lugar "menor". E se eu quando cheguei aqui nada entendi, mesmo assim fui ficando. E gosto disso.

Gosto porque encontrei um espaço. Se gostamos e desgostamos de pessoas, por que seria diferente com lugares que escolhemos como destino de passeio ou morada? Nos relacionamos com cidades como nos relacionamos com pessoas. Apreciamos suas qualidades, procuramos entender (ou não) seus defeitos, interagimos com elas. Com um pouco mais de intimidade, imprimimos nelas nossa existência, buscando deixar uma marca qualquer, perene ou não; que dure nosso tempo de convivência ou que lá permaneça, modificando suas feições ou seu espírito, e afinal, a maneira como elas mesmas se relacionam com as outras pessoas.

Amor, ódio, ou mera tolerância, não importa. O que importa é que a interação existe e é quase irresistível.

A cidade, o espaço urbano, suas características, curiosidades, manias e modos, e as diferentes formas de interação com tudo isso são o tema desta edição do 'Letras'. Novamente contamos com a presença carinhosa de editores convidados, Renata, Lou e Fred, devidamente apresentados na primeira página. E como o Letras do Café também é espaço, nossos intrépidos colaboradores deixaram sua marca dando a esse número um jeito diferente - jeito de "dicionário", em que descobrimos ou revisitamos letra a letra formas de expressão da cidade e da relação das gentes com ela. Temos ainda a colaboração da gestora cultural Rachel Castro e as já costumeiras colunas do Daniel Poeira e do Fred - que fez questão de evidenciar a relevância e as inúmeras possibilidades do nosso tema. E você, leitor, está sempre convidado a participar, também. No 'Letras' e no mundo! Boa leitura!

Carla Marin

LETRAS DO CAFÉ

Editoria e Direção Geral:
Carla Marin

Editores Convidados:
Frederico Canuto
Renata Marquez
Wellington Cançado

Editor Honorário:
Bruno Golgher

Redação (esta edição):
Breno L. Thadeu da Silva
Daniel Poeira
Frederico Canuto
Felipe N. Coelho Magalhães
Fred Guimarães
Louise Ganz
Renata Marquez
Rodrigo James
Simone Cortezão
Wellington Cançado

Jornalista Responsável:
Vinícius Lacerda

Tiragem:
1000 exemplares
Impressão:
Gráfica Fumarc

Anúncios:
Para anunciar no Letras do Café, ligue 3234 3285, das 14:00 às 18:00 e fale com o Vinícius, ou procure a equipe do Café com Letras.

Letras do Café é uma publicação periódica da ONG Instituto Cidades Criativas - Rua Antônio de Albuquerque, 749, sala 705, Savassi - Belo Horizonte/ MG - CEP 30112-010

COLUNA DO FRED

Fred Guimarães

Discussão cabeça

Quando a minha querida editora Carla me apresentou o tema do Letras desse mês, deu-me um nó na cabeça. Afinal, eu sei e não sei o que é intervenção urbana e pelo que tenho ciência esse assunto não é fácil nem nos meios mais intrépidos.

Mas ainda bem que uma possível solução para discorrer sobre o assunto veio mais rápido que eu esperava e estava na frente dos meus olhos e ouvidos.

Graças a uma força qualquer superior a mim sempre tive amigos arquitetos. São adoráveis e muitos queridos. Assim, como tal assunto lhes é intrinsecamente afeito, resolvi perguntar. Tentar saber alguma coisa a mais e colocá-los para trabalhar. Disse logo: preciso de resposta?

Também, por essas coincidências da vida, fiz uma viagem a Salvador que estava vivenciando uma intervenção urbana que era o espalhamento de fotos de negros por toda a cidade, em diversos tamanhos e formatos, dentro do projeto "Salvador Negro Amor".

Assim, após ouvir os senhores do assunto e vivenciar uma intervenção urbana, arrisco-me a defini-la: qualquer ato que venha intervir no urbano - muito óbvio, né? Mas isso mesmo pode ser um ato consubstanciado apenas numa atitude unitária ou coletiva, mas que de alguma forma influencia no contexto da cidade. Pode ser ainda apenas uma atitude humana, sem qualquer forma específica ou que venha espelhada em um substrato qualquer, dando-lhe um determinado contorno que irá influenciar em algum dos sentidos. Mas não basta só essa definição.



Há ainda uma discussão sobre a finalidade da intervenção. Discute-se se a intervenção urbana possa ser perene ou mesmo efêmera. Discute-se se ela tem um fundo somente estético ou ético, ou os dois juntos. Discute-se se tem ela um fundo social ou apenas vem para dar

uma cara nova à cidade, apenas sob o aspecto formal, deixando vazio o conteúdo. Enfim, discute-se tudo, mas como a discussão é a mola mestra da solução - ditado besta esse - o que vale é botar para quebrar, lançar o assunto na mesa, seja tomando um café ou mesmo uma cervejinha e deixar as vezes exporem o que pensam.

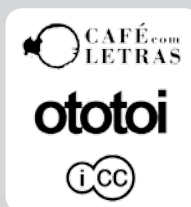
Acredito, e isso é uma opinião muito particular, que o importante é que os atos de intervenção urbana sejam efetivamente realizados, pois a cidade, como todo o resto de aglomeração urbana, é viva e tem que sofrer as suas mutações, porque, do contrário, a nossa existência seria pífia.

De fato não obtive qualquer conceito final para definir a dimensão e a importância do que seria uma intervenção urbana, pois nem os meus amigos mais sábios da matéria chegaram a um consenso. Deixo aqui apenas a idéia, que foi lançada na minha busca de resposta, de que esse assunto ainda vai ser tema de muitas pautas, com o tratamento importante que deve ter e merecendo todos os pontos de vista analíticos. Discuta!

Fred Guimarães é um dos imortais do Café com Letras!

ARTISTAS, INSCREVAM-SE!

até 28 de fevereiro
INFORMAÇÕES CAFÉ COM LETRAS
Rua Antônio de Albuquerque, 781
Savassi - BHte
www.cafecomletras.com.br
(31) 3225 9973



o não-conceitual na arte contemporânea

DITO
PELO NÃO
DITO



Arte

O artista, com perspicácia, às vezes tenta fugir das redomas de acrílico blindado das galerias e museus, do não-toque, do não-pise, do não-ultrapasse, e constrói trabalhos em ambientes de diversas e imprevisíveis violências. Potencialmente destruidores da sua obra, tais ambientes incorporam nela um sopro de coletividade. Nessa espécie de suicídio promissor, a obra ganha vida livre e interfere nos fluxos urbanos cotidianos, causando: indignação, encantamento, indiferença, memória, experiência, discussão, desentendimento, metáfora, inspiração, furor, deslocamento. Como intervenção urbana, a arte leva às pessoas a fragilidade da relação de sobrevivência de ambas, afastando o artista, cada vez mais, do papel romântico do solitário criador e transformando-o num ser de muitas disciplinas, negociante do espaço que é de vários.

Bhtrans

As cercas estão por toda parte. As esquinas foram delimitadas, os canteiros obstruídos, os passeios diminuídos, os hidrantes contornados. Malditas cercas cinzentas, de desenho ridículo, com sinalização idiota. Não bastam as trincheiras, os viadutos, as passarelas e as vias expressas? Não bastam os ônibus lotados, o metrô que não existe, e a ciclovia nem cogitada? Por que a cidade está infestada com esses obstáculos deprimentes? Por que alguns poucos têm o direito (ou será o dever?) de interferir tão descaradamente na vida de milhares? Por que a minha e a sua rotina devem ser retificadas por uma mentalidade tecnocrática medíocre? Por que não podemos mais

andar por entre os carros, ziguezaguear em volta dos ônibus, brincar de fugir dos motoboys, atravessar o canteiro e pisar na grama? Por que não posso querer ser atropelado na esquina que mais gosto? Por que temos que andar mais que os carros se eles é que têm motor? Por que temos que esperar na chuva enquanto contamos os motoristas sequinhos que passam? Por que as esquinas foram transformadas em locais de mau humor? Por quê? Um dia, ao contornar um desses metalons, descobri: As cercas são para proteger os carros de nós! Pedestres são criaturas imprevisíveis e portanto extremamente perigosas. Os carros que se cuidem!

Cartografias

Falar de cartografia hoje pressupõe discutir e inventar estratégias, procedimentos e ações cuja finalidade é produzir maneiras de pensar, documentar, representar e intervir no ambiente urbano, mapeando a ruína de velhas configurações sócio-espaciais que podem dar lugar ao surgimento de novas – quando menos se espera e se enxerga. Cartografar torna-se assim uma aventura de parâmetros subjetivos; uma atividade que busca a exposição, de formas múltiplas e abertas, manipuláveis ou não, dos complexos mecanismos de produção e consumo da cidade e, também, da sua materialização em dispositivos arquitetônicos e extra-arquitetônicos.

Deslocamento

Imaginando que nos movemos na cidade como escreveu Richard Sennett; simplesmente para vencer distâncias num ambiente de monotonia e esterilidade tátil, o deslocamento tem o sentido da eficiência de tempo e trabalho, da criatividade nula presente no rápido raciocínio (que o sinal já vai abrir): qual o caminho mais curto? Por outro lado, se lembramos o universo das vanguardas artísticas: o objeto trouvé e o ready made são procedimentos de deslocamento que libertam coisas de suas funções utilitárias para que assumam outras, desviadas de seu contexto original, ao gosto do espectador; adoção de coisas que parecem ter algo a nos dizer. E finalmente encontramos, em grande parte da arte atual, a noção de deslocamento como aquela falta de lugar que sentimos, aquele desconforto do inesperado de um pensamento desarticulador, aquela incerteza que carregamos quando esbarramos em alguma intervenção que tem o poder de não nos deixar ser eficientes.

Entrevista

Maria Ivone dos Santos¹: Várias pessoas que visitam o Brasil, vindos de outros países, deslumbram-se com esta nossa cena urbana inusitada produzida pelas contradições econômicas e pelas necessidades de adaptações cotidianas (favelas, construções irregulares, ecletismo, comércio ambulante, grades, muros, ocupações temporárias, espaços desocupados, reserva de áreas inutilizadas, etc.). Como vocês avaliam esta cena brasileira complexa e a tensão crescente entre informalidade e esta direção de modos de vida imposta pelos meios e pela cultura? Que espaço existe para a invenção e para a entrada da arte nas políticas públicas no Brasil? Como definir o “espaço público”

num espaço público complexo como o nosso?

Simone Cortezão e Wellington Cançado²: Talvez devêssemos criar ferramentas que permitissem, com atualizações em tempo real, sabermos, no celular ou no painel eletrônico da esquina, o quanto da cidade é público e o quanto é privado naquele exato momento. É claro que esses domínios são nebulosos e não muito nítidos, apesar de em vários lugares se tornarem mais evidentes. Talvez a noção de espaço público aqui, esteja muito mais relacionada com o quanto e o quê determinado espaço permite. O espaço público pode ser “formalmente” uma praça ou uma gleba pertencente ao município, mas controla-

do e vigiado por um grupo com interesses específicos. Melhor talvez seja falarmos de espaços de interesse público, uma categoria indefinida, difícil de cartografar, e intrinsecamente informal que sabemos existir na cidade atual, mas que não está dado a priori, tem que ser construído.

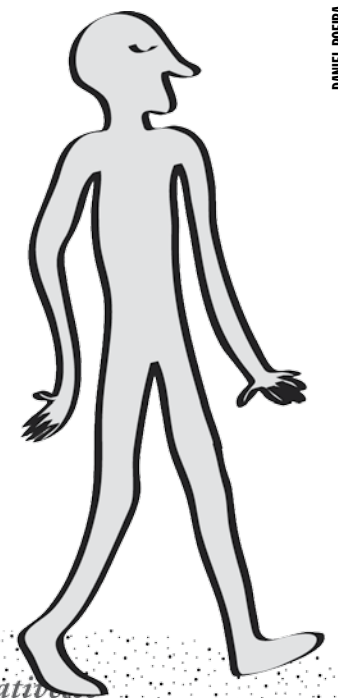
Nesse sentido, se pensarmos as políticas públicas como as políticas oficiais, “formais”, parece haver pouca abertura para invenções mais contundentes e mais transformadoras da realidade, uma vez que estas são regidas em função das estratégias de grupos de poder, via comunicação (publicidade, marketing, etc.), e via arquitetura e sua face mais perversa, o urba-

nismo. Mas também através dos incentivos fiscais a empresas, as leis de incentivo, mecanismo em que a arte (ou os artistas?) tem se infiltrado gradativamente. Mais como subsistência do que como laboratório de criatividade, entretanto. Mas antes talvez devêssemos perguntar quais são as políticas públicas, de onde vêm e para quem são elaboradas.

(Trecho de conversa por e-mail, pouco antes da realização do ROTATIVOS em São Paulo.)

(1) Curadora da Fiat Mostra Brasil, Professora da UFRGS e coordenadora do grupo Perdidos no Espaço.

(2) Criadores da vulgo: marca de suprimentos culturais e do projeto ROTATIVOS



DANIEL POEIRA

Festival

Mais que um evento musical, o Savassi Festival é um projeto de transformação urbana e ampliação do espaço público através da música. Ao longo dos anos de existência o festival, que privilegia o jazz e o lounge, se desenvolveu, ampliou suas áreas de atuação e incorporou-se ao cenário cultural de Belo Horizonte.

A aceitação do festival foi detectada pela pesquisa de opinião: 96% do público pretende acompanhar as próximas edições do Savassi Festival e 99% acredita que Belo Horizonte seria uma cidade melhor se houvesse mais eventos culturais no espaço público.



Graffiti

Houve um tempo que graffiti era sinônimo de arte engajada e marginal. Entretanto, em 2006, uma série de exposições em galerias de arte de São Paulo atestou o quanto a linha que separa, orgulhosamente, a margem dos altos cumes sociais, é tênue, sedutora (isso já sabíamos) e facilmente convertida em fetiche. Assim, você pode ter uma parede de graffiti na sua sala de móveis modernos e caríssimos, para indicar o seu alto grau de tolerância e abertura cultural na sociedade. A estética violenta da clandestinidade eleita arte, torna-se doméstica, decorativa, apaziguada, familiar. Agora que os grafiteiros vão poder comprar os tais móveis modernos e morar em lofts, quem eles chamarão para decorar as suas paredes?

História de um presente improvável

Imagine uma enorme intervenção urbana em Belo Horizonte. A maior das últimas décadas. 35,4 km de extensão, 100 bairros e mais de 3,5 milhões de pessoas impactadas. Uma linha saindo do centro e chegando no aeroporto, ao norte.

Imagine essa enorme intervenção como uma estrutura híbrida, estranha e indefinida. Nem ponte, nem prédio, nem praça, nem viaduto, nem avenida, nem metrô, muito menos parque. Um pouco de tudo, mas diferente também. Uma ecologia infra-estrutural radicalmente transformadora dos lugares por onde passa.



Imagine que essa estrutura, de fazer inveja aos arquitetos, urbanistas e artistas mais visionários, tivesse dois únicos níveis: um térreo, sempre acompanhando as ruas e avenidas por onde se instala, e o terraço, plataforma linear e contínua que cobre o térreo e se abre para o céu, às vezes formando pátios, rasgos, planos inclinados. Ao longo de sua extensão, entretanto, esses dois níveis se interpenetram e se interrompem se necessário, numa topografia singular onde território e estrutura se misturam, incorporando as particularidades e mesmo as contradições dos mais variados contextos atravessados. Uma linha, mas não como um ato abstrato e genérico, e sim um contínuo de segmentos diversos.

Imagine que essa estrutura tivesse como objetivo costurar vizinhanças, bairros, áreas e

regiões inteiras cindidas por outras intervenções historicamente equivocadas como vias expressas, trincheiras e viadutos. E, à medida que avançasse sobre esse território desolador e brutal, inauguraria uma miríade de possibilidades aparentemente solapadas pelo cinza, pela velocidade e pela fumaça. O que o asfalto e o concreto separaram, um ecossistema inteiramente artificial re-alinharia.

Imagine: bosques densos de mata atlântica, jardins selvagens, hortas cuidadosamente cultivadas, pomares aromáticos, campos de cerrado, praças sombreadas, quadras poliesportivas, campos de futebol gramados, coretos, laguinhos, lagoas, tanques de pesque-pague, pista de corrida, calçadas para caminhada, bibliotecas públicas a cada km (será uma boa distância?), banheiros públicos, livrarias, bares, cafés, escolas-clubes, piscinas pequenas e rasas, piscinas fundas e olímpicas, piscinas com deck, ciclovias, pistas de skate, bicicross, espaços para eventos grandes e pequenos ao ar livre e também fechados, churrasqueiras públicas, laboratórios e oficinas para atividades criativas e comunitárias, galerias de arte, postos de atendimento, cibercafés com wi-fi e LAN houses, ambulatórios, cinemas, palquinhos e teatros de verdade, restaurantes grã-finos e populares, botecos, feiras livres, etc.. Uma infinidade de atividades, algumas previamente e



estrategicamente implantadas e outras impossíveis de planejar.

Imagine, que além de tudo isso essa estrutura ainda funcionasse no provimento de energia elétrica por onde passasse, através das kilométricas pérgolas fotovoltaicas que sombreariam o terraço, e que toda a água e esgoto utilizados nesse complexo seriam recolhidos e ali tratados e reutilizados. O lixo, após triagem, reciclado. Não só o do próprio complexo, mas de todas as adjacências, em plantas de reciclagem transparentemente didáticas e abertas à visitação. Ao ser percorrida, de bicicleta ou de bondinho elétrico (finalmente ressuscitado), pode-se do silêncio do bosque fervilhante do imenso, porém lento movimento da multidão nesse impensável condensador sócio-ambiental. Do alto, das janelas dos apartamentos reabertas depois de décadas e das torres de escritórios envidraçadas, agora cobertas pelas

trepadeiras que insurgem desrespeitando os limites da estrutura e escalando as superfícies mais lisas, pode-se ver claramente: o leito sinuoso, verde e aparentemente sem fim dessa intervenção impressionante mas já familiar.



Agora pare de imaginar. Nada disso é improvável ou utópico. Nada disso é extremamente inovador ou incrivelmente ousado. Nada disso é exageradamente mais caro do que construir hoje o que sabemos que vamos desmontar num futuro próximo. Isoladamente ou em agrupamentos diferentes, todas essas atividades, tecnologias, estratégias, espacialidades existem e já foram realizadas, em algum lugar (distante daqui!). Provavelmente como reparo histórico a violências tectônicas daquilo que engenheiros insistem em chamar de "obras-de-arte" e políticos de "benfeitorias", e que estamos prestes a inaugurar.

Constate: aqui, verde é puro eufemismo.

Imagens: www.thehighline.org.
Acessado em 25.01.2007

DICIONÁRIO DA CIDADE

Ihas

Parc Avignon, Porte Royale, Gran Paradiso, Iepê Golf Condominium, Piazza Affonso Penna, Francisco de Goya, Paço da Liberdade, Terrazzo Esmeralda, Saint Denis, Chiara D'assisi, Costa del Mar, Piazza di Verona, Rembrandt, Valle D'ampezzo, Costa Bella, Villa Toscana, Chamonix, Giardino Paraíso, Villaggio Panamby, Via Sistina, Palais Royal, Giulio Romano, Palazzo Quirinale, Palazzo Venecia, Boulevard Saint Michel, Parque das Violetas, Cap Ferrat, Ville de Québec, Debret, Saint Paul, Le Saint Paul, Vermont, Saint Gothard, Giverny, Campos Elisios, Bosque do Mosteiro, Costa Esmeralda, Botticelli, Jacopo Tintoretto, Belle Vue, Lumiere, La Concorde, Montesquieu, Bruno Giorgio, Grand Líder Leopoldo, Vivanti, Duomo Firenze, Stanza D'oro, Murano (Art of Living), Villa Athena, Mustique (Le Paradis est Ici), Solares de Cidade

Jardim, Parque dos Diamantes, Maimônides, Palazzo Berberini, Via Montebello, Pierre Bonnard, L'adresse, Meridien, Vila Imperial Ipiranga, Vale do Luar, Villa Torlonia, La Rochelle, Pallazzo Olivieri, Diamond Hill, Piet Mondrian, Portobello, Apgalia (Fine Residences), Ville Sion, Maison Lalique, Forte do Golf, Safira, Marina Del Rey, Courchevel, Spazio Uno, Paradizo, Aquarelle, The Landmark, Villa San Michelle, Ile de France, Palm Beach, Studio Home Bela Cintra, Paysage, Paço Imperial, Griffé, Villa Inneco, Renoir, Ritz Vila Nova, Galleria Terrazzo, La Dolce Vita, Monet, Jacopo Bellini, Via Della Vite, New Age Park, Parc Gerland, Alhambra, Saint Émilion, Classic Boulevard, Yourself Total Living, Vintage Moema, Home Station Barra Funda, Île de la Cité, Grand Líder Olympus, Parque Cidade Jardim...

Janelas



No prédio em frente ao meu, uma pessoa fala ao telefone celular, rindo, aproveitando o friorento início de verão com uma xícara quente na mão; outro brinca com o filho pequeno enquanto conversa com sua mulher que assiste TV; logo ao lado, chega uma mulher que senta e pedala em sua bicicleta ergométrica; dois apartamentos abaixo, um homem faz contas em uma calcu-

ladora em cima de uma mesa cheia de papéis, como o faz todos os dias; outro deixa todas as luzes apagadas, sendo que a única coisa que é possível enxergar é a cozinha, nos fundos do apartamento, onde ele e mais uma pessoa conversam; outro liga sua televisão de plasma, senta no sofá e assiste aos melhores lances dos jogos do campeonato brasileiro disputados... Testemunho de pequenas vidas em formação conjunta com seus espaços: uma possibilidade de olhar e se deixar tocar na imaginação do espaço anônimo da metrópole.

KM3

KM3 é uma história sobre um mundo que se densifica. Muito denso. KM3 é uma cidade que está continuamente em construção, com espaço para populações e possibilidades ilimitadas. Uma cidade que continua servindo a todos os desejos, que amplia as nossas capacidades. Para além da escassez. Para além da separação. Para além do pessimismo e do pro-

tecionismo. Uma cidade que conduzirá a uma nova "superfície" programática em torno do globo, expandindo para além do horizontal, emergindo verticalmente. A cidade 3D. Uma queda livre no espaço infinito. Profundidade pura. Sem escapatória. Ainda. KM3 é uma hipótese, uma cidade teórica, e uma teoria urbana possível. A tridimensionalidade pode ser

vista como a existência fundamental da arquitetura, o domínio aclamado da profissão. Em tempo de globalização e ampliação das escalas, uma atualização desta definição parece necessária: metros se tornaram quilômetros, m³ transformaram-se em Km³.

MVRDV (KM3: Excursions on capacity. Barcelona: Actar, 2006.)

Lomowall

"A lomowall é um mural com fotos lomográficas espalhadas aleatoriamente e coladas umas às outras, geralmente montado para exposições em bares e cafés. No Brasil, um grupo articulado via internet (chamado lomobr), com participantes espalhados por todo o país, vem organizando exposições deste tipo há alguns anos, em Porto Alegre, São Paulo, Curitiba, Recife e no Rio. A idéia de fazer para pôr na rua veio a partir da preguiça de encarar as chatices de se organizar uma lomowall num café em Belo Horizonte, somada a uma vontade de tentar encontrar um espaço pra fotografia no meio de toda a explosão da arte na/da/prá rua (não sem os

questionamentos que vão e voltam acerca da possibilidade de fazê-lo). Surge então o primeiro dilema, a partir do problema de colocar papel fotográfico na rua (muito caro, as pessoas pegam, etc.), mas não querer fazer a coisa virar uma street art normal e imprimir igual aos stickers (o que faria virar um sticker, concebido pra por na rua desde o início - e essa é parte da idéia, colocar na rua algo que lhe é estranho, que não é feito nem pensado pra rua...). A partir dessas dificuldades práticas, assume-se que seria uma intervenção feita pra durar pouco tempo, algumas poucas horas, e que as pessoas vão pegar, o que pede jeitos de incorporar

essa idéia na própria forma de pregar na rua. Colar as fotos uma por uma, com as pessoas vendo (e estranhando aquilo), depois ficar de longe observando, vendo como os passantes interagem com a coisa. O fator custo sugere que seja um coletivo, com poucas fotos de várias pessoas. E daí surge uma segunda e grande dificuldade, a de encontrar fotógrafos dispostos a contribuir sem nenhum tipo de crédito, a tornar seu trabalho o de um anônimo, que evapora em alguns instantes, quase como uma arte performática de sinal de trânsito..."

Felipe Nunes Coelho Magalhães (<http://spaceflows.blogspot.com/>)



100M²

"100 M² foi um projeto processual que teve início com o plantio de placas de grama em um lote de 500m². Todo o processo envolveu a população local, formada por vizinhos, amigos e passantes na rua, que plantaram ou se envolveram de outras maneiras. O lote possui uma estrutura de fundação em toda a sua área, com aparência de belas ruínas, e muita areia, terra e matos. Por entre as estruturas de concreto fizemos um trabalho de deslocamento destas matérias, gerando campos de areia, ou matos, ou grama. Os 100m² iniciais de grama foram plantados por entre estas cintas e geraram um espaço com ondulações topográficas suaves. Todo o concreto ficou

descoberto, como marca vestigial do existente no local. Os outros 400m² da área do lote, inteiramente marcados pelas estruturas de fundação de concreto e por matos, não foram tocados, e ficam potencialmente sob tensão, esperando as ações que irão surgir dos grupos de moradores ou passantes, ou mesmo ficarão sendo áreas para os matos brotarem espontaneamente. Os 100m² de grama são o ativador do lugar. Os outros 400m² ficam à espera de que as pessoas passem a incorporá-lo em suas ações cotidianas e o transformem.

O fato de ativar os 100m² é por si uma ativação do lote como um todo, pois problematiza

a possibilidade do acontecimento. Ao mesmo tempo, os 100m² ultrapassam os limites do lote, pois é uma ativação real de uma rede que se instala tanto no local como na cidade. Outros lotes espalhados pela cidade ficam potencialmente aguardando serem ativados, assim como outros proprietários ficam aguardando quem os ative conjuntamente. O processo de uso do lote se deu durante um mês. O plantio da grama envolveu várias situações imprevistas e foi feito durante 3 dias. Grupos de vizinhos plantaram flores e hortaliças durante o mês. Em um sábado, o lote se transformou em um pequeno balneário, com piscina de plástico e churrasco.

Foi um sábado de descanso. Várias crianças se divertiram limpando partes do terreno, ou experimentando as ondulações na grama para deitar, ou carregando algumas placas de grama que ainda estavam por plantar, ou transplantando flores do próprio local para criar canteiros, ou plantando sementes. Todo o processo foi uma construção de situações, todas elas narradas como um diário de relatos."

Rua Maranhão / Bairro Santa Efigênia. Período de maio a julho de 2006.

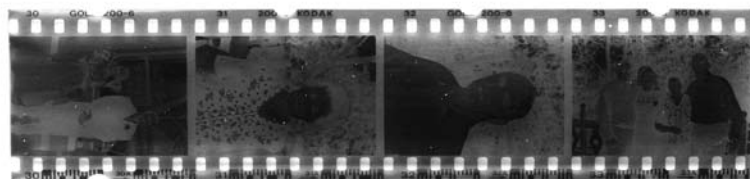
Louise Ganz (Lotes Vagos: ação coletiva de ocupação urbana experimental. Belo Horizonte: Catálogo, 2006)

Negativos

Em algum entre o Centro e a Floresta, numa Belo Horizonte, bastava desviar-me e olhar para o chão da cidade para que me atraíssem os negativos fotográficos. São estas imagens sem interesse para a memória de quem os produziu. Tão sem interesse que mesmo eu as guardava sem desvendá-las. Irrelevantes? Imagens ao menos três vezes erradas. Erradas por não atenderem ao gosto e à habilidade do tirante. Errantes como negativos vagando nas sobras do lixo transbordado nos meio-fios e nas quinas dos muros das casas. Erradas três vezes: no deslocamento vindouro, quando reveladas e postas em circulação. Adquirem uma outra errância, sem fim reconhecível, imagens das banalidades alheias, esse negócio desnecessário. Espécie de desperdício digital atualizado, na foto pose genérica que falhou, pelo embaçado involuntário, pelo enquadramento desorientado, pelos corpos não conseguirem ficar estáticos. E ainda prenhe de histórias perdidas dos personagens que as

habitam e das escarigrafias, as marcas do tempo sobre suas superfícies revelando uma escrita quase-hieroglífica. Formam um conjunto de narrativas trapaceadas: de uma amor perdido, d'eu jaspion em conversão, de um beijo recusado, de um pescador, de fantasmagorias, dum princípio de banquete despojado, de um menino mentindo, de uma ofuscação, do mundo das bolinhas, de uma viagem, de uma raspagem, de um quase-hieróglifo, do mar tampado pelos corpos, de uma enorme devastação. Mesmo reveladas mantêm a obscuridade dos negativos. Não passam de fotos quaisquer postas num comércio. Sem procedimentos ou dispositivos para a legitimação, apenas achados, revelação mecânica e outros achados que me escapam. E uma seleção de olhar duplicado. Narrativas de devolução de acasos. E a memória requerida é deixada como lastro da narrativa, sabe-se lá como, feita por alguém.

Breno L. Thadeu da Silva



Onze de setembro

O compositor alemão Karl Heinz Stockhausen comparou os atentados às obras de arte: "O que aconteceu lá foi a maior obra de arte que já existiu. Que espíritos consigam realizar tudo isso em um ato só, é algo com que nós, músicos, conseguimos apenas sonhar: preparar-se durante 10 anos, de forma fanática, para um concerto, e depois morrer e levar cinco mil pessoas para a sua redenção, para depois ressuscitar. Mas não sei se são possíveis cinco mil ressurreições".

http://cassiojps.brinkster.net/cassioj/2001_09_01_cassioj_archive.html. Acessado em 25/01/2007

O artista plástico Damien Hirst disse à BBC News Online, em uma entrevista gravada em vídeo: "Você deve dar crédito a eles [os terroristas] em algum nível, porque eles conseguiram algo que ninguém nunca pensaria como possível, especialmente em um país tão grande como os Estados Unidos". [...] Então, por um lado, eles precisam ser reconhecidos, mesmo que algumas pessoas evitem isso, o que por sua vez é bastante perigoso". Prossegue: "Penso que a idéia de olhar para os ataques do 11 de setembro como um trabalho de arte é algo muito difícil de se fazer. Porém, não há outra maneira dos artistas considerarem tal fato."

<http://news.bbc.co.uk/1/hi/entertainment/arts/2268307.stm>, acessado em 25/01/2007. Tradução Livre



Placas



Quanto custa?

- Praça Sete de Setembro = 1,2 milhões de reais
- Centro Cultural Praça da Liberdade = 248,76 milhões de reais, na cotação do dia 25/01/2007¹
- Centro Administrativo do Estado = 517 milhões de reais²
- Linha Verde = 99,97 milhões de reais³
- Metrô = 81,6 milhões de reais⁴
- Orçamento Participativo Digital = 20 milhões de reais⁵
- Orçamento Participativo = 80 milhões de reais⁶
- Em Venda Nova: Urbanização da Avenida Central, Construção do Parque Esportivo Regional de Venda Nova, Construção do Centro de Referência da Memória de Venda Nova: Biblioteca e Museu, Revitalização Centro Comercial de Venda Nova = O valor de cada uma das obras propostas para a escolha dos

cidadãos pelo orçamento participativo digital é de até R\$ 2,25 milhões de reais⁷

Fontes:

- (1) www.cm-porto.pt/users/0/58/Revistan7_bf-98cac942827914b26518af48e8687a.pdf. Acessado em 25/01/2007
- (2) www.ufmg.br/diversal6/pesquisa.htm. Acessado em 25/01/2007
- (3) www.linhaverde.mg.gov.br/imprensa/index.php?pag=11&id_clipping=116&busca. Acessado em 25/01/2007
- (4) clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=170026. Acessado em 25/01/2007
- (5) <http://www.opdigital.pbh.gov.br/pordentro.htm>. Acessado em 26/01/2007
- (6) <http://www.opdigital.pbh.gov.br/pordentro.htm>. Acessado em 26/01/2007
- (7) <http://www.opdigital.pbh.gov.br/pordentro.htm>. Acessado em 26/01/2007



Rotativos

Praticamente todas as capitais brasileiras têm um sistema de estacionamento pago para vagas. Conhecido como Estacionamento Rotativo em várias cidades – Zona-azul em São Paulo, Faixa-azul em Belo Horizonte – esses espaços, administrados em sua maioria por empresas privadas que detêm concessões públicas, têm como objetivos declarados promover o aumento da oferta de vagas, melhorar a fluidez do tráfego, disciplinar o uso do espaço público, aumentar a circulação de pessoas em determinadas áreas e gerar receita aos cofres do município. Espécie de aluguel ou licenciamento, tal contrato de utilização é feito mediante a compra de um documento que legitima a presença naquele intervalo de tempo (nas versões 1, 2 ou 5 horas), naquele lugar. Áreas públicas enormes destinadas ao estacionamento cronometrado, à permanência limitada, à ocupação vigiada e paga, vagas além de espaços públicos controlados empresarialmente e bastante lucrativos, são espaços nulos quando ocupados pelos veículos vazios. As vagas rotativas, por sua vez, são as mais privilegiadas na malha urbana, tendo inclusive seu tempo de permanência regido pela localização próxima a aglomerações, equipamentos e áreas importantes.

Belo Horizonte tem 475 quarteirões regulamentados, aproximadamente 15.000 vagas de Faixa-azul, mais ou menos 175.000m² de área ou 17,5 hectares destinados a vagas pagas, somente na região delimitada pela Avenida do Contorno, parte planejada da cidade. Quase a área do Parque Municipal, maior área verde central da cidade, que originalmente possuía 62ha, hoje está reduzido a 18,2ha!. (Grande parte dessa área pública foi gradativamente substituída ao longo de um século por empreendimentos privados, mas principalmente por vias de tráfego, avenidas e estacionamentos).

Esse processo fulminante de substituição dos espaços públicos por domínios privados e da supremacia da engenharia de tráfego, entretanto, não é específico de nenhuma cidade, tendo sido regra geral em várias regiões metropolitanas.

ROTATIVOS é um piloto de ocupação transitória e móvel de vagas de estacionamento pagas. Uma frota de arquiteturas ambulantes que libertadas da inércia tectônica, veiculam programas variados, de acesso público. Veículos utilitários transformados em ambientes interiores e paisagens sobre rodas, organizados em

espaços para descanso, reflexão, diversão e serviços variados. Configura um sistema de agenciamento de atividades culturais e cotidianas que oferece cinema, galeria de arte, restaurante e terraços-jardim, além de expor e disponibilizar vídeos, trabalhos de artistas e designers, informações, imagens, objetos e outros suprimentos culturais.

Intervenção urbana realizada em São Paulo de 06 a 10 de novembro de 2006, e um dos projetos da Mostra Fiat Brasil, ROTATIVOS ocupou temporariamente vagas pagas em horário comercial nas regiões centrais, através da compra de aproximadamente 350 cartões de estacionamento rotativo. Os veículos que, obrigatoriamente, circulavam pela cidade, cumprindo os prazos máximos de permanência de cada vaga, ao estacionarem conformavam espaços diversos. No final de cada dia, a frota se encontrava em algum ponto da cidade, de acordo com a disponibilidade de vagas contíguas, para uma ocupação articulada resultando num equipamento urbano e em uma praça linear suspensa, formada pelo acoplamento dos veículos.

vulgo: Simone Cortezão e Wellington Cançado



A Ototoi apresenta
os seus principais
projetos culturais
para 2007:

- Sunset DJs
- Mostra de Design
- Seminário Internacional Cidades Criativas
- Festival de Inverno da Savassi
- Savassi Festival: Jazz & Lounge
- Dito pelo Não-dito: : o que há de não-conceitual na arte contemporânea
- Jazz com Todas as Letras

A Ototoi é uma produtora cultural especializada na criação e no desenvolvimento de projetos culturais inovadores. Trabalha em colaboração permanente com o Café com Letras e com o Instituto Cidades Criativas. Conheça o nosso trabalho em www.ototoi.com.br

Para oportunidades corporativas, entrar em contato com Bruno Golgher, em bruno@ototoi.com.br

ototoi

Sete de setembro

De 1922 até 2007, a Praça Sete de Setembro já foi objeto de práticas intervencionistas por diversas vezes: mudou de nome [de doze de outubro para sete de setembro]; foram colocadas linhas para o bonde e, posteriormente houve a retirada das mesmas, dez anos depois; ganhou um obelisco central, apelidado de pirulito, que foi retirado nos anos 60, deslocado para a praça da Savassi e recolocado nos anos 90; fechamento dos quarteirões da rua Rio de Janeiro e Carijós; asfaltamento do entroncamento das avenidas Afonso Pena e Amazonas, o que tornou a centralidade um cruzamento de vias; requalificação dos quarteirões e espaço central em 2003 através de um projeto feito há 14 anos, pelos arquitetos Gustavo Penna, João Diniz, Álvaro Hardy, Éolo Maia e suas equipes, totalizando 16 profissionais envolvidos. Isso provocou um deslocamento da centralidade dada pelo entroncamento das avenidas para sua periferia precisamente nesses pedaços fechados de rua e agora, após sua revitalização em 2003, para o asfalto, espaço de atravessamento dos carros por excelência; cafés, bares e livrarias abrirem e fecharem como McDonalds, Pérola, Instituto Moreira Salles, Psiu, bancas de revista que são os mais conhecidos e lembrados; engraxates serem expulsos dos quarteirões fechados; floristas receberem coletes com o nome da prefeitura de Belo

Horizonte.

A praça, lugar de passagem para quem sai do Shopping Cidade em direção à parte baixa do Centro ou Avenida dos Andradas, ou que desce da Avenida Afonso Pena em direção ao centro antigo, próximo às avenidas Olegário Maciel e Augusto de Lima, é recortada transversalmente por quem desce e sobre a Avenida Afonso Pena rumo à rodoviária ou à Rua da Bahia, viaduto Santa Tereza, Palácio das Artes e outros no meio do caminho entre o ribeirão Arrudas coberto pela Linha Verde e Serra do Curral.

Espaço socialmente vivido onde a Associação dos Engraxates de Minas Gerais, Floristas, vendedores de celular e planos de telefonia e crédito fácil, de loteria esportiva, vale transporte, guarda-chuvas e capas de celular lutam por reconhecimento junto à GEPH [Gerência Estadual de Patrimônio Histórico], SCOMGER [Secretarias de Coordenação da Gestão Regional] Centro Sul, OPs [Orçamentos Participativos], SMRU [Secretaria Municipal de Regulação Urbana], SMPU [Secretaria Municipal de Planejamento Urbano], Secretaria Municipal de Turismo, CDL [Câmara dos Diretores Lojistas], BHTRANS [empresa responsável pelo planejamento de trânsito e transportes em BH], e outras secretarias, autarquias e re-

presentantes do capital privado e Estado.

Reprojetada com pisos laranja para deficientes visuais; coberturas que não protegem as pessoas de chuvas com vento; sem aumento dos assentos para os passantes descansarem, namorarem, prestarem atenção no sorteio do bingo logo à frente ou simplesmente ficarem parados esperando o tempo passar; com restauração do obelisco, símbolo de uma praça; cercas para impedir que as pessoas atravessem diagonalmente o espaço central e para que não pendurem no obelisco como normalmente o fazem em dias de decisão de campeonato de futebol; com câmeras de vídeo a fim de vigiar manifestações e usos não condizentes com o espaço como o evento caracterizado pela guerra entre perueiros e polícia militar no mês de julho de 2001, principalmente no dia 21 do mês; com cabine de vigilância policial; com lixeiras empacotadas com a marca praça sete de setembro, eternizada pelo croqui dos arquitetos.

Tempos de uma praça constituída de temporalidades demarcadas no espaço pela violência, batalha, subterfúgios, astúcias, capitalizações por máquinas de guerra, institucionalizações, cooptações, associativismos, estatizações, decupagens, espetacularizações e periferização cada vez mais latente como potência.



Um dia sem meu carro

Tour

Café com Letras
Rua Pernambuco
Praça da Liberdade
Rua Prof. Moraes
Ile de la Cité
Rua Grão Pará
Praça Sete de Setembro
Floresta
Linha Verde
Centro Administrativo do Estado
Linha Verde
Venda Nova
Linha Verde
Manhattan:
(Highline e Ground Zero)



Varanda

No sábado, após chegar às dez horas da manhã em Belo Horizonte, depois de passar três horas num ônibus saído de Coronel Fabriciano, interior mineiro, estive toda a manhã e parte da tarde em um lote vago na rua Grão Pará tentando fazer um churrasco, que não aconteceu pela total falta de habilidade dos presentes em acender a churrasqueira. Depois dos planos fracassados, fomos para o apartamento da minha amiga Louise. Chegando lá, ao som de Chet Baker e Billie Holiday, sentamos, abrimos algumas cervejas e, com o fogão aceso, fritamos batatas e assamos alguns espetinhos de carne comprados no açougue ali perto.

Com o calor do verão e o esvaziamento da rua próxima ao Colégio Santo Antônio, na Savassi, saímos do apartamento, que é no mesmo nível da rua, e colocamos as mesas e cadeiras na rua. Pouco depois, Louise ligou para sua amiga Cláudia, que há muito tempo não via e nascida no mesmo dia que ela, com poucas horas de diferença, para que fosse lá nos encontrar e jogar conversa fora na tarde de suor. Na medida em que o tempo ia passando e os outros moradores entravam ou saíam do pré-

dio, cumprimentava-os e era apresentado a cada um deles. Algumas vezes, Louise conhecia pela primeira vez alguns de seus vizinhos que nunca havia visto anteriormente, pois passa muito tempo dentro ou fora de casa, mas nunca na casa dos outros vizinhos do prédio.

Com cadeiras e mesa de canto ocupando o passeio da rua e sentados, vendo o pôr-do-sol e ouvindo música vinda de dentro do apartamento, comendo churrasquinhos e bebendo uma cerveja, perguntei quantas vezes ela já tinha ocupado a rua e transformado-a em varanda. Calmamente, disse-me que não ocupa somente a frente de seu prédio, mas qualquer pedaço de rua que lhe interesse. Ao perguntar como, ela abriu o portamalas de seu carro e mostrou que, dentro dele, sempre havia duas cadeiras de praia, churrasqueira, piscina de montar para crianças e uma mesinha para ocupar as ruas.

Encontrei-a de novo, em frente à livraria Quixote, bebendo com amigos e lançando um pequeno livro sobre seu projeto, Lotes Vagos. Confidenciou-me que cada um deles tinha levado a sua própria cadeira.

DICIONÁRIO DA CIDADE

Www

- www.mobilityweek-europe.org/
- www.souslavage.com/
- www.aparienciapublica.org
- www.video-as.org
- www.cityfarmer.org/vanc-comgard83.html
- www.aestheticmanagement.com/ti
- www.favelaeissoai.com.br
- www.projetosgratis.com.br
- www.pps.org
- www.designcommunity.com
- www.lotesvagos.arq.br
- www.designmobile.com
- www.ocupar.org.br
- www.acconci.com
- www.vivabh.org.br
- www.smaq.net
- www.muf.co.uk
- www.ruaviva.org.br/menu.html
- www.didsomeonesayparticipate.com
- www.urbancartography.com
- www.greenroofs.org

- www.holcimfoundation.org
- www.brigadaspopulares.org
- www.lomography.com
- www.artdanslaville.com/
- www.mges-brasil.org
- www.poro.redezero.org/
- www.forumpermanente.in
- www.artecidade.org.br
- www.theyellowdog.net/
- www.theyrule.net
- www.visualcomplexity.com
- www.oneblockradius.org
- www.colorsomagazine.com
- www.rhizome.org
- www.ufrgs.br/escultura
- www.thehighline.org
- www.bcn.es/22@bcn
- www.peabody.org.uk/be-dZED



Yellow dog



www.theyellowdog.net. Acessado em 25/01/2007

Zebra crossing



www.sdesignunit.com. Acessado em 25/01/2007

Xadrez, engraxates, taxistas...



Patrimônio cultural e desenvolvimento das cidades

Rachel Castro

O objetivo deste artigo é situar o patrimônio cultural como uma alternativa para o desenvolvimento que viabiliza a inserção social da comunidade, situando-o como um dos alicerces do desenvolvimento das cidades; e também demonstrar como o investimento na sua preservação aporta recursos para os municípios, o que tem um impacto direto no processo de urbanização.

Atualmente observa-se que a cultura exerce uma nova influência sobre a economia mundial. Um dos focos é o reexame da relação entre cultura e desenvolvimento. As áreas econômica, política e cultural estão intrinsecamente ligadas. A crise da reflexão convencional sobre o desenvolvimento em marcha está abrindo, entre outras a oportunidade de cruzar ativamente capital social, cultura e desenvolvimento dos países e de suas cidades. No atual contexto mundial, a cultura está definitivamente incluída entre os fatores estratégicos de desenvolvimento e de relação entre os povos.

As inter-relações entre cultura e desenvolvimento são de toda a ordem. A importância econômica do setor cultural é hoje bem reconhecida. As experiências mundiais revelam que a revitalização

do patrimônio cultural tem contribuído para o desenvolvimento dos lugares, e ao mesmo tempo, as comunidades estão percebendo que a riqueza deste representa um impulso à continuidade da herança cultural, geração de emprego e renda, e incremento do turismo, ao mesmo tempo em que fortalece a identidade regional.

A seguir serão apresentados mecanismos que canalizam recursos para os municípios que investem em seu patrimônio cultural:

ICMS Cultural

Trata-se de um importante instrumento de proteção do patrimônio cultural, instituído em Minas Gerais. O estabelecimento de critérios culturais para distribuição aos municípios de parte dos recursos do ICMS arrecadado pelo Estado constituiu um avanço significativo.

Ao ampliar a participação no montante de recursos entre as prefeituras que investem decisivamente e de forma ordenada na salvaguarda do patrimônio cultural local, esse mecanismo incentivou o compromisso de várias delas com sua preservação e conservação do patrimônio, estimulando ações públicas na área de patrimônio cultural e à participação da sociedade civil.



Programa Monumenta

Parceria entre a UNESCO, Governo Federal e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com vistas à proteção do patrimônio histórico edificado. Seus objetivos principais são sustentabilidade, replicação ou reprodução dos projetos e diversificação do patrimônio protegido.

É o marco de uma reviravolta na política de gestão do patrimônio histórico nacional. Com ele, o BID estréia como financiador de um programa de alcance nacional orientado para o patrimônio histórico. Antes os critérios de valorização dos bens e sítios patrimoniais passavam por seu significado histórico e cultural; com o Monumenta vale a capacidade dessas áreas gerarem atividades econômicas e impostos de modo a não permitir que o investimento feito se perca com o tempo. Mais importante que

a situação de ruína dos monumentos e sítios tombados é o interesse das esferas estaduais e municipais em financiar contrapartidas e criar condições para que o investimento ganhe sustentabilidade. A importância da atividade turística para a economia local e a capacidade desses governos em mobilizar capital privado ganhou pontos.

A "sustentabilidade" deve ser entendida como uma forma de desenvolvimento que une as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das futuras gerações em usufruir sua herança natural e cultural. Esta se refere a ações que incentivam formas de conservação e preservação por meio de articulação da comunidade, base legal específica ou ainda outras formas de atração de investimentos, sejam eles financeiros ou de trabalho. Contribuem para isso outras ações correlatas: promoção de eventos culturais nos monumentos recuperados, adequação da legislação urbanística principalmente no tocante às condições de tráfego de veículos e pedestres nas áreas preservadas, campanhas educativas de educação patrimonial e promoção turística

ca das áreas em questão.

O tratamento do patrimônio cultural enquanto fonte de conhecimento e de rentabilidade financeira tem transformado a realidade de comunidades em situação de vulnerabilidade social. As áreas de preservação tornam-se pólos culturais onde são implementadas atividades ligadas ao Turismo Cultural. Nos dias de hoje, sua importância é reconhecida como atividade que além de gerar benefícios econômicos (criação de novas oportunidades de negócios, trabalho e renda) pode valorizar e promover o patrimônio cultural.

A Estrada Real é um produto típico do turismo cultural que demonstra como o resgate da cultura e da história pode ter impacto no turismo e na economia das comunidades envolvidas. Em Minas Gerais, nunca um projeto turístico foi encarado com tanta seriedade e principalmente levado até o fim, independente de filosofias e partidos políticos.

Rachel de Castro é economista e gestora de cultura. E-mail: gestorcultura@yahoo.com.br



Tempos modernos: faraway, so close!

Daniel Poeira

A gente pega o celular, manda uma mensagem, depois conversa no MSN, manda e-mail, e nem dá tempo de pensar no que isso tudo significa. Se lermos os jornais e revistas sobre o assunto, só vamos ver pessoas louvando as novas tecnologias da comunicação como poderosas ferramentas de trabalho que levarão o Capitalismo a níveis de eficiência e lucratividade nunca antes vistos. Mas será que é só para isso que a tecnologia serve?

As pessoas que construíram o país onde vivemos se comunicavam de uma forma que, hoje, consideramos muito lenta e primitiva. Durante décadas, usaram cartas, transportadas por cavalos. Depois vieram os carros, os trens, meios de locomoção que aceleravam o transporte das cartas. Mas elas ainda eram apenas pedaços de papel levados fisicamente através do território.

Quando inventaram o telégrafo e o telefone, as coisas começaram a mudar de verdade. Pela primeira vez foi possível se comunicar com outras pessoas sem precisar transportar nada pelo espaço. Sinais elétricos viajavam através de cabos, levando informação na forma de sinais binários - lembram do código morse?

Essa tecnologia de comunicação à distância demorou um pouco para se desenvolver, mas desde que foi criada seu uso só aumentou. Antes mesmo dos anos 1930, já era possível conversar por radio-fone dos Estados Unidos até a Europa, cobrindo uma distância que os navios levavam semanas para cruzar. O preço da ligação era de 75 dólares por 5 minutos, em uma época em que se podia ir ao cinema por 1 centavo de dólar.

Hoje em dia, todos esses métodos de comunicação à distância parecem normais: televisão, rádio, internet, telefone, telefone celular... A internet na casa das pessoas está cada vez mais rápida e mais barata, e através dela podemos conversar usando a voz, mensagens instantâneas de texto, ou correio eletrônico, e até mesmo vídeo. Tudo isso a um custo cada vez mais baixo.

Além de poder impulsionar os negócios, essa tecnologia de comunicação está sendo usada pelas pessoas - de todas as idades! - para intensificar a comunicação pessoal. Antigamente era difícil encontrar os amigos. Os que não fossem da escola, só víamos nos finais de semana, no clube ou no bar. Agora não, basta ligar o MSN ou o Google Talk e todos eles estão lá. Claro que não conversamos com todos eles ao mesmo tempo, mas só de saber que eles estão lá já é alguma coisa diferente.

E o Orkut então? Cada vez que chega nosso aniversário, dezenas de pessoas ficam sabendo, e nos mandam mensagens de felicitações - inclusive pessoas que nem lembramos quem são, ou que não vemos pessoalmente há anos, ou porque sumiram ou porque foram morar em outro país.

Estamos chegando a um ponto em que a comunicação inter-pessoal só não tem cheiro. Podemos passar meses sem ver familiares que moram no mesmo bairro que nós, enquanto conversamos diariamente com amigos que moram em outro país.

Quando se fala nisso, uma palavra aparece: distância! Dizem que as distâncias dimi-

nuíram, que a internet coloca as pessoas mais perto. Essa metáfora é muito engraçada, porque as pessoas continuam tão longe quanto estavam antes. Ou até mais. Não apenas fisicamente, mas socialmente mesmo. Será que ninguém percebe que, se por um lado é cada vez mais fácil conversar com os conhecidos, é também cada vez mais difícil conviver com os desconhecidos? Nas grandes cidades, as pessoas estão cada vez mais nervosas, tensas, desconfiadas. Vizinhos entram e saem de prédios e mal se olham na cara. Existe constrangimento mais ridículo do que a cara que as pessoas fazem no elevador, olhando para o chão ou para o teto, torcendo para cheguem logo no andar delas e

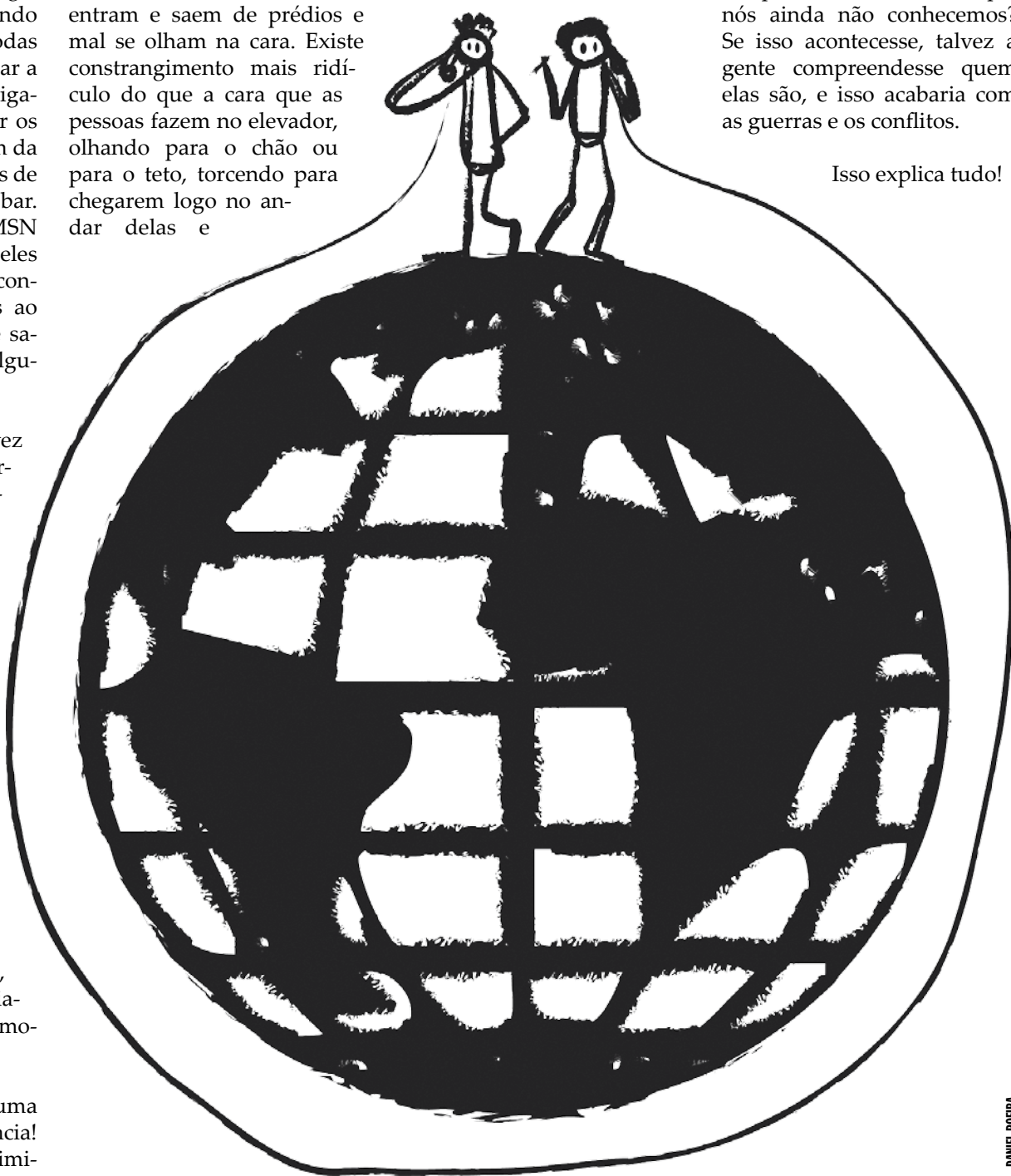
não precisarem mais ficar ali do lado de estranhos?

Afinal de contas, o que é que há de tão estranho nas pessoas que ainda não conhecemos? Por que é que passamos o dia inteiro enfurnados em casa, vendo perfil dos outros no Orkut, e não sabemos nem o nome do porteiro que vigia o prédio onde moramos? Será que nós somos assim tão interessantes?

Tanto esforço tecnológico para criar uma tecnologia que nos permite ficar o tempo todo olhando para nós mesmos, postando fotos da nossa cara no fotolog, descrevendo nossas vidas no nosso blog...

Passamos o tempo todo usando a tecnologia para falar sempre com as mesmas pessoas sobre os mesmos assuntos. Quando é que essa tecnologia toda vai ser usada para conhecermos as outras 6.000.000.000 de pessoas do mundo que nós ainda não conhecemos? Se isso acontecesse, talvez a gente compreendesse quem elas são, e isso acabaria com as guerras e os conflitos.

Isso explica tudo!



Discos a postos: Sunset DJs 2007

O Sunset DJs 2007 é a quarta edição de um projeto cultural dedicado à arte dos DJs. Sua primeira edição, realizada em dezembro de 2003, aproveitou a agitação de final de ano da região da Savassi e posicionou DJs, diariamente, no recuo frontal do Café com Letras ao cair da tarde, criando a trilha sonora da cidade.

Duas novas edições seguiram-se em 2005 e em 2006. Nesta foi incorporado um processo seletivo público para novos DJs e foi definido um campo estético de atuação (o estilo "ambient").

A edição de 2007 mantém o processo seletivo, dobra a oferta musical no Café com Letras, ao apresentar dois DJs por dia, e incorpora uma grande festa urbana, o Sunset Djs + Aniversário do Robinho, em seu encerramento, no dia 1 de abril.

Nesse dia, um domingo, a rua Antônio de Albuquerque será fechada aos automóveis e aberta ao público. Serão construídos três domos geodésicos sob a orientação do arquiteto e professor Paulo Waisberg e sob essas estruturas montados lounges, com tapetes, almofadas e sonorização. Grandes DJs se apresentarão configurando uma bela festa urbana. As apresentações se iniciam às 13:30h e terminam às 21:00h. Em cada espaço, 5 DJs. No total 15 DJs no Aniversário do Robinho e 26 no Sunset DJs.



O DJ Robinho, além de ser o DJ mais requisitado, conhecido e carismático da cidade, com atuação relevante em todo o Brasil, é conhecido por sua atuação social. Realiza, anualmente, o "Aniversário do Robinho", festa recheada de DJs destinada a arrecadar fundos para instituições sociais. Sua marca registrada é o mote "Não faz mal fazer o bem".

A entrada ao evento será condicionada à doação de alimentos não-perecíveis e livros de literatura brasileira, que serão doados ao Leuceminas e a escolas públicas credenciadas.

O júri do Sunset DJs 2007, por Rodrigo James (texto) e Daniel Poeira (fotos?)



Jefferson Santos - é DJ, é produtor cultural, pretende escrever um livro este ano e esteve fora de BH por um ano. Jeff é multimídia e sua condição é não parar. Portanto, morou na Austrália, voltou para o Brasil cheio de idéias, mas diz que não dura aqui por muito tempo. Nós acreditamos, mas não muito.



DJ Robinho - popularmente conhecido como "o maior DJ de Belo Horizonte" ou o que quer que isso signifique. A praia de Robinho é a house music, mas não quer dizer que ele não se aventure por outros mares. Sua porção beneficente aflora todos os anos durante seu aniversário e todos temos orgulho de ir, participar e ajudar ao próximo.



Rodrigo James - também é DJ e produtor cultural. Mas quem não é? Foi o editor convidado do número anterior do Letras do Café e gostou da brincadeira. Mas antes quer se dedicar mais à sua nova paixão: a arte de fazer rádios. Na verdade, sempre quis fazer isso mas nunca teve oportunidade. Alguém aí disse que a vida começa aos 30?



Bruno Golgher - capo di tutti capi do Café com Letras, do Letras do Café, do Sunset DJs, do Savassi Festival, do Jazz com Todas as Letras, do Festival de Inverno da Savassi, da Mostra de Design do Café com Letras, da Casa Ototoi, etc. Ah sim, é produtor cultural e formado em economia. Precisa dizer mais?

